

## CAPÍTULO 1

## EM FRENTE AO MOINHO DE DORLCOTE

Era ali, na vasta planura, que o Floss se alargava para o mar entre as encostas verdes, e o amoroso fluxo, lançando-se ao seu encontro, lhe refreava a correria num impetuoso abraço. Os barcos negros, cheios de pranchas de pinheiros odorosos, de bojudas sacas de sementes de óleo ou de carvão luzidio, são levados na corrente para St. Ogg, cidade que mostra os seus telhados canelados e vermelhos e as largas plataformas dos seus cais entre o monte arborizado e a beira do rio, matizando as águas de suaves tons de violeta sob a furtiva mirada deste sol de Fevereiro. Ao longe, de cada lado, estendem-se pastagens férteis e nexas de terra escura, abrindo-se às sementes de pujantes colheitas, ou coloridas pela tonalidade suave do trigo já ceifado. Restos de cortiços dourados surgem de espaço a espaço por detrás das sebes, todas enfeitadas de vegetação. Os barcos distantes parecem erguer os mastros e içar as velas vermelho-pardas, por entre os ramos dos freixos hospitaleiros. Rente à cidade de telhados rubros, o azougado Ripple corre em direção ao Floss. Como é encantador, o riozito de ondas escuras e variáveis! Sinto-o como um amigo, quando sigo pelas margens fora, escutando-lhe a voz grave e pausada, como a de quem nos ama e não nos ouve... Lembro-me dos grandes salgueiros gotejantes e da ponte de pedra...

E aquele é o moinho de Dorlcote. Apetece-me ficar a olhá-lo, aqui da ponte, por uns minutos, apesar de ser já tarde e as nuvens se mostrarem ameaçadoras. Até neste terminar de Fevereiro desfolhado tem encantos! Talvez a enregelada e húmida estação dê mais beleza à casa bem cuidada e hospitaleira, velha como os castanheiros e os olmos que a protegem das nortadas. O regato está na cheia; estende-se sobre a plantação esbranquiçada e quase submerge a franja arrelvada do pasto fron-

teiro à casa. Olhando a corrente, a erva berrante, o pó de um verde delicado a esbater o contorno dos grandes troncos e dos ramos que resplandecem sob os violáceos galhos nus, enamoro-me do que é humidade e invejo os patos brancos que mergulham as cabeças, fundo, na água, entre os juncos, indiferentes ao que podem parecer ao mundo árido.

O ímpeto da água e o ressoar do moinho provocam uma surdez de sonho que parece aumentar a quietude da paisagem. São como uma espessa cortina de som separando-nos do mundo. Agora ouve-se o trovejar da carroça que chega a casa carregada com sacos de trigo. O bom do carroceiro pensa no jantar que está ressequido no forno, a estas horas; mas não lhe tocará sem tratar primeiro dos cavalos, bichos submissos e fortes que parecem deitar, sob a viseira, olhares de censura aos estalidos do chicote que têm a consciência de não merecer. Vejam como retesam o dorso na subida para a ponte, com toda a energia que lhes vem da proximidade da casa! Observem as patas grandes e felpudas que parecem agarrar-se ao chão firme, os pescoços de força paciente, curvados ao peso da coleira, os músculos grossos das esforçadas ancas! Gostaria de os ouvir relinchar, satisfeitos com a bem merecida ração de trigo, e de os ver, libertos os pescoços dos arreios, mergulhar as ávidas narinas no tanque lamacento. Chegaram à ponte, agora descem apressados e o arco da cobertura do carro desaparece por detrás das árvores.

Agora posso voltar novamente os olhos para o moinho, e observar a incansável roda a espalhar jactos brilhantes de água a jorros. Aquela garota também está a vê-la; tem estado sempre no mesmo sítio à beira da água, desde que parei na ponte. E aquele cãozito de orelhas acastanhadas parece saltar e ladrar em baldado protesto contra a roda, talvez ciumento da atenção com que a companheira do gorro de castor lhe observa o movimento. Parecem-me horas de ela voltar para casa, mas esta luz está a tentá-la — a luz vermelha que resplandece no céu cada vez mais carregado. Talvez também sejam horas de eu desencostar os cotovelos da pedra fria da ponte...

Tenho os braços dormentes de apoiar os cotovelos nos braços da cadeira; sonhei que estava sobre a ponte, em frente ao moinho de Dorlcote, tal como estivera numa manhã de Fevereiro, já lá vão alguns anos. Antes de adormecer tencionava contar-lhe a conversa que o senhor e a senhora Tulliver tiveram na sala de visitas da esquerda, nessa mesma tarde de Fevereiro com que acabo de sonhar.

## CAPÍTULO 2

O SENHOR TULLIVER, DO MOINHO DE DORLCOTE,  
DECLARA AS SUAS INTENÇÕES ACERCA DE TOM

— Sabes o que eu quero — disse o senhor Tulliver —, o que eu quero é dar ao Tom uma boa educação... uma educação que lhe dê o sustento. Por isso é que o tirei do liceu pelas festas da Virgem. Quero metê-lo num colégio bom pelo S. João. Dois anos de liceu já lhe chegavam, se eu o quisesse para moleiro ou para lavrador; tem mais estudos do que eu: os estudos que o *meu* pai me deu tinham a cana numa ponta e o alfabeto na outra. Mas gostava que o Tom tivesse mais educação para conhecer as manhas desses senhores que falam bem e que escrevem bonito. Era uma ajuda para mim nas demandas e no resto. Não quero que vá para advogado; sim, não o quero para malandro, mas engenheiro ou inspector, ou leiloeiro, ou talvez avaliador como o Riley, ou então meto-o num daqueles negociozitos em que se ganha e não se tem quase despesas a não ser a corrente do relógio e um banco. É tudo o mesmo e tudo segundo a lei, pelo que *me* parece. Veja lá se o Riley não olha de frente para o Wakem, o advogado, como um gato olha para o outro. *Ele* não lhe tem medo.

O senhor Tulliver falava com a senhora Tulliver, mulher loura e simpática que usava touca em forma de leque. (Nem me quero lembrar de há quanto tempo se usaram estas toucas — há tanto que devem estar a usar-se outra vez. Naquele tempo, quando a senhora Tulliver ia nos quarenta, eram moda em St. Ogg e faziam sucesso.)

— Olhe, senhor Tulliver, o senhor é que sabe; não digo que não. Mas talvez fosse melhor matar umas galinhas e convidar os tios para jantar na semana que vem, e saberíamos então o que a mana Glegg e a mana Pullet pensam. Há para aí umas galinhas que precisam de ir à degola!

— Podes matar as galinhas todas que estão na capoeira, se quiseres, Bessy, mas eu cá não preciso de que tios nem tias me digam o que hei-de fazer com o meu filho — respondeu o senhor Tulliver em ar de desafio.

— Credo, meu bem! — disse a senhora Tulliver, escandalizada com este sanguinário discurso —, que termos, senhor Tulliver! Mas já é costume falar assim da minha família; e ainda por cima a mana Glegg deita-me as culpas todas, e eu inocente como um anjo! Porque a *mim* ninguém ouve dizer que era infelicidade para os meus filhos ter tios e

tias a viver dos rendimentos. Mas olhe, se o Tom vai para uma escola nova, ele que vá para onde eu possa lavar-lhe e remendar-lhe a roupa, senão, tanto faz ter roupa de pano-cru como de linho, tanto vem amarela uma como a outra depois de meia dúzia de lavagens. E assim, quando a diligência for e vier, posso mandar ao rapaz um bolo, uma tarte de porco, ou de maçã; ele está sempre pronto para mais um migalho, o meu filho, quer lhe dêem muito, quer lhe dêem pouco. Os meus filhos comem como os outros, graças ao Senhor.

— Bem, bem, arranja-se que fique no caminho do carro, se puder ser, mas não me inventes sarilhos por causa da roupa, se não pudermos arranjar escola perto. É o teu defeito, Bessy: quando vês um pau no meio da estrada julgas logo que não podes passar por cima dele. Não me deixares aceitar um bom carroceiro, lá porque tinha uma verruga na cara!

— Credo! — exclamou a senhora Tulliver, surpreendida. — Quando foi que eu me opus a aceitar um homem por causa duma verruga? Eu até gosto de verrugas, porque o meu irmão que morreu tinha uma na testa. Mas não me lembro de o senhor querer tomar ao serviço um homem com uma verruga. O Gibbs tinha verrugas tanto como eu ou você, e insisti sempre para que o tomasse, e tinha-o aceitado se ele não tivesse morrido com a infecção; que até nós é que pagámos ao Dr. Turnbull para o tratar; e estaria a guiar a carroça a estas horas. Pode ser que tivesse uma verruga num sítio escondido, mas eu ia lá adivinhar!

— Não, Bessy, não era bem a verruga que eu queria dizer, era outra coisa. Mas deixa lá; isto de palavras é uma confusão. O que é preciso é arranjar uma escola que seja boa para o Tom; porque posso ser intrujado como o fui com o liceu, não quero mais nada com liceus. Seja que colégio for que eu escolha para o Tom, não há-de ser um liceu, um lugar onde os rapazes não passem o tempo só a engraxar o calçado ou a descascar batatas. É uma coisa complicada esta de escolher um colégio.

O senhor Tulliver fez uma pausa e enfiou as mãos nos bolsos como se esperasse encontrar dentro deles qualquer sugestão. E não estava visivelmente desapontado porque disse: — Já sei o que tenho a fazer. Vou falar ao Riley. Ele vem cá amanhã para resolver a questão do dique.

— Olhe, senhor Tulliver, já tirei os lençóis para a cama grande, a Kezia já os tem pendurados na lareira. Não são os melhores, mas são bons seja para quem for, porque os de linho só não me arrependo de os ter comprado porque hão-de servir para quando formos a enterrar; e se morresse amanhã, senhor Tulliver, estariam perfeitamente lavados e prontos, e a cheirar a lavanda, que até seria um prazer estendê-los. Estão guardados na gaveta da esquerda da cómoda grande de car-

valho, da parte de trás, que eu não me fio em quem quer que seja para tomar conta deles, a não ser em mim própria.

Dizendo isto, a senhora Tulliver tomou um molho de chaves da algibeira, e escolhendo uma passava-a para baixo e para cima entre os dedos, fixando o fogo com um sorriso ameno. Se o senhor Tulliver fosse um marido desconfiado, poderia supor que ela tirava a chave para favorecer a imaginação na expectativa do momento em que o seu estado de saúde justificasse a aparição dos seus melhores lençóis de linho. Felizmente não era; só se mostrava susceptível em se tratando dos seus direitos sobre questões de propriedade de águas; além disso, tinha o hábito conjugal de não ouvir muito bem, e depois da sua referência a Riley ficara aparentemente absorto, a apalpar e a examinar as suas peúgas de lã.

— Parece-me que já sei, Bessy — disse depois de curto silêncio. — Riley é homem para saber de alguma coisa; ele também teve estudos, e anda por toda a parte a resolver demandas e a fazer avaliações, e tudo. Temos tempo de falar disso amanhã à noite depois do trabalho. Gostava que o Tom fosse como o Riley, falando tão bem como se tivesse ali tudo escrito e conhecendo muitas palavras que não significam nada, mas por onde a lei não pode pegar, e sabendo bem de negócios...

— Pois — disse a senhora Tulliver —, não se me dava que o rapaz andasse por aí curvado e com os cabelos empastados a falar bem e a saber tudo. Mas esses sábios da cidade usam os peitos da camisa postiços; usam os bofes até estarem nojentos e depois escondem-nos com uma espécie de babeiro; pelo menos é o que o Riley faz. E depois, se o Tom for viver para Mudport, como o Riley, vai ter uma casa com uma cozinha onde a gente mal cabe dentro, e nunca mais tem um ovo fresco para o almoço, e para ir dormir tem de subir três andares, quem sabe mesmo se quatro, e fica um dia em torresmos antes de poder chegar cá abaixo.

— Não, não — disse Tulliver. — Não tenho tenções de o mandar para Mudport: quero que ele abra escritório em St. Ogg, perto de nós, e viva connosco. Mas — continuou depois de breve pausa — o que causa medo é que o Tom não tenha os miolos que um rapaz esperto deve ter. Parece-me um bocado tapado. Sai à tua família, Bessy.

— Isso é verdade — disse a senhora Tulliver, aceitando o comentário pelo que valia —, está sempre pronto a deitar sal no caldo... O meu irmão já assim fazia, e o meu pai antes dele.

— Sim, mas é pena que seja o rapaz a sair à família da mãe e não a garota. É o que dá a mistura das raças; nunca se pode calcular o que vai